

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: MESA-REDONDA EM HOMENAGEM AOS 80 ANOS DE EVANILDO BECHARA¹

Carlos Eduardo Falcão Uchôa
Liceu Literário Português

RESUMO: O pensamento linguístico de Evanildo Bechara. As principais influências recebidas na formação e consolidação de suas ideias. O interesse maior da obra de Bechara: o estudo e o ensino da Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento linguístico; Said Ali; Mattoso Câmara; Eugenio Coseriu; Herculano de Carvalho.

***ABSTRACT:** Evanildo Bechara's linguistic ideas. The most relevant influences in the construction and consolidation of his ideas. The principal aspect of Bechara's work: the study and teaching of Portuguese language.*

***KEYWORDS:** linguistic ideas; Said Ali; Mattoso Câmara; Eugenio Coseriu, Herculano de Carvalho.*

Lisonjeou-me ter recebido o convite, sobremodo honroso, do meu amigo acadêmico Professor Evanildo Bechara para integrar esta mesa a fim de falar de sua obra, em justíssima comemoração aos seus oitenta anos, a que ele chegou esplendidamente, com invejável vitalidade física e não menos invejável amadurecimento intelectual, em seu permanente determinismo de bem viver, de valorizar a nossa humana existência, em meio a perdas e sofrimentos tão variados a que todos, a que toda humana gente está inexoravelmente sujeita nesta trajetória terrena. Sábio, porém, Bechara parece que não deixou de se

¹ Texto apresentado em 12 de junho de 2008 na Academia Brasileira de Letras.

lembrar da voz do “saber de experiência feito” do poeta: “Mas para quê / Tanto sofrimento, / Se lá fora o vento / É um canto da noite”.

Manifestou-me o Professor Bechara o desejo de que eu centrasse minha participação nesta mesa, falando, e brevemente, em razão do tempo limitado de que disporia, sobre o seu pensamento linguístico, as principais influências recebidas por ele na formação e consolidação de suas ideias sobre o maravilhoso mundo da linguagem, que comporta estudos tão diversificados, desde o som, em sua materialidade e função, até os mais intrincados problemas da leitura e da produção textual. Mestre Bechara navegou, às vezes em mares procelosos, nos campos da filologia, da gramática e da linguística.

A influência inicial recebida, sobre a qual tantos já falaram, a começar pelo nosso próprio homenageado em recente obra pelos seus 80 anos, foi a do professor Said Ali, verdadeiramente seu iniciador no estudo da linguagem e da língua portuguesa. Said Ali, conhecedor da dicotomia de Ferdinand de Saussure, que dissociava o estudo da língua em sua evolução no tempo, o diacrônico, prevalente no meio filológico, do estudo descritivo da língua, o sincrônico, é autor de obras, na realidade pioneiras em sua época, nesta última perspectiva, particularmente no campo da sintaxe, que foi justamente a preferência bastante nítida na produção intelectual de Bechara, que não deixou, no entanto, de valorizar as pesquisas diacrônicas.

Reputo Said Ali um dos maiores estudiosos e conhecedores da nossa língua, a quem Mattoso Câmara, considerado consensualmente o iniciador do estudo e do ensino da Linguística no Brasil, identificada a partir do estruturalismo de Saussure, chama, respeitosamente, como “o velho mestre, no seu verdadeiro papel de pioneiro da lingüística propriamente dita” em nosso país, sabendo “encarar os textos clássicos como base e documentação do estudo evolutivo da língua e dar à gramática expositiva sua sistemática lúcida e sagaz”.

Pode-se afirmar que aquele menino de 15 anos, ao procurar Said Ali para um encontro, seu encontro marcado, que viria a construir, a partir dali, a relação entre mestre e discípulo, não poderia vir a ter um melhor iniciador nos estudos do vernáculo, alguém que, com a excelência de sua formação e de seu lastro cultural, e ainda com a sua apurada intuição e com o seu reconhecido senso pedagógico, soube ver naquele jovem a sua especial inclinação e seu indisfarçável prazer em lidar com os desafios da linguagem verbal e particularmente dos da “Última flor do Lácio”. Com toda justiça, pois, Bechara dedica ao seu competente e generoso mestre a primeira edição de sua *Moderna gramática portuguesa*, em 1961. Excepcional o mestre, talentosíssimo o discípulo, como o tempo haveria de comprovar.

O linguista Mattoso Câmara, diria, foi o segundo mestre de Bechara. Iniciador da divulgação dos princípios estruturalistas em língua portuguesa, com os quais mudaria, de maneira significativa, os rumos do estudo e do ensino do vernáculo entre nós, de início particularmente na universidade, Mattoso foi, nas próprias palavras de Bechara, no prefácio da 37ª edição de sua *Gramática*, a rigor, uma nova *Gramática*, “guia seguro desde o lançamento inicial” dela. Muitas noções vão então aparecer, já na 1ª edição de 1961, pela primeira vez em uma gramática da nossa língua, especialmente nos capítulos destinados à Fonologia e à formação de palavras, com o que alcançava um maior rigor na descrição gramatical do sistema da língua. Saliente-se que Mattoso Câmara convidou Bechara para seu assistente da Cadeira de Português, na Universidade Católica de Petrópolis.

É oportuno ressaltar que, tendo adotado certas contribuições de Mattoso Câmara, Bechara jamais esqueceu o seu primeiro mestre. Infelizmente, é muito típico do meio acadêmico brasileiro, já há uns bons anos, pelo menos no meu campo de atuação, a Linguística, que cada nova corrente linguística que lance os seus primeiros fundamentos venha fadada a sobrepujar, não a acrescentar ou a complementar, as correntes linguísticas já sedimentadas. Esta jamais foi posição assumida por Bechara em sua longa trajetória de intelectual e de professor. Nele, a tradição, no que ela nos deixou de consistente, bem fundamentada, permaneceu com as suas lições, o que não foi impeditivo de estar ele aberto às inovações do desenvolvimento científico para uma mais precisa compreensão dos fatos da língua. Assim, Mattoso Câmara, com suas posições, apenas estabelecia, em relação a Said Ali, uma nova perspectiva no tocante ao estudo do mesmo objeto linguagem. Afinal, é por demais simplório, revelador de total despreparo em qualquer estudo científico, conceber uma ciência total apenas no seu estado presente, às vezes até considerada em uma só de suas correntes.

Enfim, neste breve quadro das mais fortes influências que contribuíram para a formação do pensamento linguístico de Evanildo Bechara, o seu encontro, intelectual e pessoal, com Eugenio Coseriu (1921-2002), este extraordinário linguista romeno, que fez seus doutoramentos em Letras e Filosofia na Itália, que passou doze anos no nosso vizinho Uruguai, não tendo o Brasil então como acolhê-lo na década de 50, para depois se fixar na Alemanha, na Universidade de Tubingen, ocupando a cadeira de Filologia Românica e de Linguística Geral até 1991, tornando-se, a seguir, seu Professor Emérito.

O que me pergunto é por que Coseriu a exercer, com o seu ideário linguístico, o peso que passou a ter, como se pode comprovar em inúmeros textos do nosso homenageado, na orientação dos estudos becharianos? Por que

a influência de um linguista pouco mencionado em nosso país, em que seus discípulos se limitam a um número reduzidíssimo, apesar da tradução de cinco de suas obras e de alguns poucos de seus ensaios para a nossa língua? Por que Coseriu? Não me calava a indagação.

A resposta não me parece, de modo algum, poder repousar no pioneirismo coseriano deste ou daquele conceito, como a noção de *norma* por ele firmada em seu texto talvez mais conhecido, distinta da norma tradicional, na verdade, a primeira proposta desenvolvida para introduzir *a norma* nas preocupações da linguística descritiva, que então se desenvolvia, a contrapor-se, portanto, à concepção tradicional em que a norma se confunde com a prescrição gramatical, fundada não no *ser* da língua, mas no *dever ser*, para usar expressões do próprio Coseriu, com que ele deixara clara a necessidade de se considerar o plurilinguismo ou o poliglotismo numa mesma língua.

De modo que, não obstante a importância inegável do conceito de norma linguística firmado por Coseriu, que se tornaria patrimônio de toda a linguística, não foi, evidentemente, tal conceito, e outros mais, do linguista romeno, que tornaram o nosso ilustre acadêmico e mestre um coseriano. A inteligência e o amplo conhecimento de um estudioso da linguagem como Bechara foram seduzidos, estou seguro, por razões de maior alcance, que ele não encontrava em tantos outros linguistas de projeção, muitos deles sendo introduzidos em nosso país, no meio acadêmico, como verdadeiros iniciadores de uma nova ciência da linguagem, a ponto de Saussure e tantos outros passarem a ser tidos como ultrapassados, muito diversamente, enfatize-se, do pensador romeno, que tem, justamente a propósito de Saussure, uma afirmação antológica: “Com tudo isto, por certo, muito me afastei de Ferdinand de Saussure; cheguei até ao pólo oposto do Saussure do saussurianismo “ortodoxo”; porém, conforme creio, também cheguei a isto em contato permanente com Saussure, e não sem Saussure e muito menos contra Saussure”.

Na verdade, penso que um intelectual do porte de Bechara foi atraído pelo Coseriu pensador atilado, pelo Coseriu intelectual excepcionalmente dotado e pelo Coseriu humanista para quem a linguagem é fundamental para a definição do homem (“O homem vive em um mundo lingüístico que ele mesmo criou como ser histórico”, salienta ele). Como linguista, o mestre romeno foi um estudioso permanente, de rara lucidez, constituindo, ao longo dos anos, uma teoria consistente e abrangente do fenômeno lingüístico, revelando um conhecimento invejável sobre a história das ideias lingüísticas e filosóficas, desde os gregos até seus contemporâneos. Uma das notas características do pensamento e da personalidade de Coseriu é justamente o equilíbrio entre tradição e inovação.

Sustento com convicção que Bechara se aproximou de uma obra científica que se coloca entre as mais importantes do século XX na investigação do fenômeno linguístico, não só porque as suas preocupações teóricas cobrem quase todo o campo da investigação linguística, não faltando nem mesmo o tratamento original que dá à linguagem poética, mas também, diria, porque os estudos que ele consagrou aos princípios responsáveis pela competência do falar uma língua, a verdadeira base de seu arcabouço especulativo sobre a linguagem, vieram a mostrar que o que ele chamou de *saber linguístico* tem um alcance muito mais abrangente do que o saber a língua, ou seja, um conjunto ordenado de regras gramaticais e um acervo de itens lexicais, mas ainda abarca o conhecimento que o sujeito falante tem das coisas, além de seu saber estruturar textos. Portanto, a competência linguística para Coseriu, tema específico de uma de suas mais importantes obras, é uma competência que é sempre e, antes de mais nada, plural, heterogênea. Com este conceito, lança Coseriu os fundamentos de uma linguística integral, que abarca a linguagem (no plano universal), as línguas (em seus planos históricos) e a fala (no seu plano individual ou textual). Não sem razão, pois, Bechara, defende, em seu já clássico *Ensino de gramática: opressão? liberdade?*, que a educação linguística deixe de ser uma educação centrada na língua para centrar-se na linguagem, já que teria também como objetivo não somente um sistema verbal, mas o enriquecimento cultural dos alunos nas áreas do saber e ainda uma adequação maior para traduzir tal saber em diversas situações do convívio social.

Ao escolher o ideário linguístico de Coseriu para fundamentar muitas de suas posições em seus inúmeros estudos, e não simplesmente acolher este ou aquele linguista norte-americano ou europeu, cujas ideias aqui aportavam, Bechara faz uma opção consciente por uma teoria linguística das mais abrangentes e congruentes, sustentada por uma filosofia da linguagem que transparece em seus fundamentos, como deveria acontecer com toda teoria linguística. Bechara não optou por uma orientação linguística simplesmente pela razão de ela representar, em dada época, o “dernier cri”. Como Coseriu, buscou o equilíbrio entre tradição e inovação.

Não poderia fechar esta breve exposição sobre o pensamento linguístico de Evanildo Bechara, sem falar ainda na influência, por ele mesmo confessada, recebida do grande linguista português José G. Herculano de Carvalho, que, no prefácio de sua notável *Teoria da linguagem*, de que, infelizmente, não nos pôde deixar o seu terceiro tomo, destaca como um dos seus mestres justamente a Coseriu, embora pertencentes à mesma faixa etária. Na verdade, Herculano de Carvalho tem, em essência, a mesma ideologia de Coseriu em relação à natureza

do fenômeno linguístico. O texto a ser lido é de Coseriu, mas podemos afirmar que traduz o pensamento de ambos no tocante à essência da linguagem:

(...) como actividad libre, es, asimesmo, el primer fenómeno de la libertad del hombre. Como actividad intersubjetiva, es la base de la sociedad y la forma fundamental de la historicidad del hombre, por lo cual es también instrumento de comunicación y instrumento de la vida práctica. Y como aprehensión del mundo, es supuesto y condición de la interpretación del mundo (COSERIU, 1977:64)

Na formulação de uma teoria linguística, o grande mestre de Coimbra se posiciona em algumas das mesmas linhas do mestre de Tübingen. Assim: “não pode haver”, para ele, “uma lingüística ‘imanente’, isto é, que parta e se oriente a partir de dados ou factos ou postulados exclusivamente lingüísticos; mais, que não há teoria científica que não se assente, implícita ou explicitamente, numa qualquer teoria filosófica”. Herculano de Carvalho também, em outro ponto a ser destacado na sua orientação de cientista da linguagem, procura integrar, como Coseriu, tradição e inovação: “não me interessei pelo novo, mas pelo que é verdadeiro, qualquer que fosse a sua idade”, enfatiza ainda no prefácio de sua *Teoria da linguagem*.

Ao receber o convite do acadêmico e professor Evanildo Bechara para expor hoje aqui sucintamente o seu pensamento linguístico, não poderia deixar de focalizar os quatro notáveis nomes a quem ele, em atitude de justiça, de reconhecimento e também de humildade intelectual, dedica a 37ª edição de sua *Moderna gramática portuguesa*: “À memória de M. Said Ali, mestre e amigo. Aos mestres e amigos Eugenio Coseriu, José G. Herculano de Carvalho, J. Mattoso Câmara Jr. a cujas lições fui colher o que de melhor existe nesta nova versão”.

Acadêmico e Professor Evanildo Bechara: não se pode falar de seu pensamento linguístico, sem se falar das escolhas e do porquê delas, pois nunca são aleatórias, dos mestres em cujas lições se aprofundou e se manteve fiel, em seus fundamentos essenciais, em meio, quase diria, às “várias linguísticas” que, não obstante sua real contribuição ao estudo da linguagem, nem sempre foram sendo introduzidas no meio acadêmico brasileiro com a consistência necessária. O amigo soube escolher o seu “porto seguro”, que lhe ia permitindo, com o passar dos anos, se dar conta do fenômeno linguístico tal qual ele, na verdade, é em suas propriedades essenciais, tão bem destacadas por Coseriu:

a criatividade, a semanticidade, a alteridade, a materialidade e a historicidade. Com o domínio de tal fundamentação, ganhou a língua portuguesa, ganharam os estudiosos da língua portuguesa, que puderam usufruir de tantos excelentes textos de sua autoria, com explicações novas para vários fatos da nossa língua e com novas propostas classificatórias. Afinal, seu interesse maior não foi a teoria em si, mas o estudo e o ensino do nosso vernáculo, em que se notabilizou, tornando-se nome para sempre marcante, sobretudo na história dos estudos gramaticais sobre a língua portuguesa.

Tenho certeza, acadêmico e professor Evanildo Bechara, de que a sua vida, de já diuturna dedicação ao estudo da nossa língua, há de nos proporcionar ainda muitas lições, com a determinação que é a marca tão definidora do seu temperamento e de sua vida. Sabiamente, ante as vicissitudes inevitáveis da existência, continuará se lembrando destas outras palavras do mesmo poeta aqui lembrado de início: “Mas para quê / Tanto sofrimento / Se o meu pensamento / É livre na noite?”

Referências

COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística*. Madrid: Gredos, 1977.